

## ***As Escadarias da Aurora*** **de Artur Eduardo Benevides**

*Juarez Leitão*

*“Nunca se sabe onde o sertão começa  
Nunca se viu onde seu chão termina.  
O sertão, arco-íris que regressa  
É uma canção em nós. Ou nossa sina.”*

Neste intróito de seu poema “Cântico dos cânticos”, escrito há tempos, o poeta Artur Eduardo Benevides declarava as indefiníveis fronteiras de sua emoção, marcada por essa força telúrica, pelos ventos do sertão e as brisas do mar, pelas canções de saudade e a voz da tradição moldada nos valores e saberes do povo.

Nascido em Pacatuba, à sombra das serras de Aratanha e da Jubaia, de lá saiu à procura de um *cavalo que perdeu em 1930*, segundo um outro poema, e que deve ter encontrado, pois, desde então, armado de cota de malha, espada, corseletes, escudo, elmo e viseira, tem, cavaleiro andante, percorrido as estradas do sol e os caminhos da sorte, na busca do Santo Graal, distribuindo entre as gentes da terra esperanças sagradas e as graças de sua alma afoita e apaixonada.

Poeta no sentido mais amplo e clássico da palavra, põe-se diante da vida como um Édipo frente à esfinge, pronto para decifrar o seu mistério. E então se compõe com o próprio mistério da vida para fazer dele seu elemento essencial, na notícia da morte ou na fala da paixão, ou quando, navegante de afoitos navios, sai como um Odisseu, a caçar sereias pelos sete mares ou a vencer os Ciclopes do destino com sua audácia lírica.

Poeta de vitalidade luminosa sabe tirar a melhor sonoridade da matéria ruda dos dias e solfejar as mais doces canções para embalar o sono dos amantes e consolar as grandes solidões.

Poeta com assinatura, adotou os temas clássicos da morte e da ressurreição como metáforas da jornada humana, explicando a partir daí o amor, a tragédia, a esperança, a dúvida, os sonhos e os espantos, a farsa, a sorte e a dor, os abismos e as apoteoses:

*"E nasce o poema, como nasce o dilema.*

*O rumo. O remo. O ramo. O gamo.*

*A chama. A flama. O rio. O frio.*

*E tudo nasce e morre*

*enquanto o verso chega e me socorre."*

Sua poesia é uma sucessão virtualmente infinita de revelações, que apontam para os mistérios constantes da vida e, ao contrabalançar as razões gerais do destino humano com as subjetividades individuais, termina por intervir na faina operosa do cotidiano, pondo para se entenderem o explícito com o subjacente, a aldeia com o arco cosmopolita, a dura realidade com as aspirações transcendentais.

Sem a linha rígida do discurso clássico, pois quer e sabe ousar imagens, declara-se descender, por temática, voz e ritmo de Camões e José Albano, os grandes mestres da poesia de língua portuguesa, que, embora separados por 400 anos, são parentes consangüíneos no classicismo.

Benevides é um clássico na poesia moderna, da geração de quarenta e cinco, que soube, com argúcia e consciência da realidade, traduzir o tempo, fazendo com ele parceria e não inimizade.

Desde o NAVIO DA NOITE, publicado em 1944, às ESCADARIAS DA AURORA, o livro desta noite, tem se mostrado fiel aos seus temas básicos: O AMOR, a MORTE, o MAR, a RESSONÂNCIA MITOLÓGICA GREGA E MEDIEVAL.

Altaneiro e lúcido, Artur é, a um tempo único e de fascinante pluralidade. Seu canto ditirâmico, arrebatado pela idealidade platônica, espalha-se sobre o território dos sentidos, semeando-se em grande seara de ternura e dor, para colher-se ali, safra de pura luz, em silos repletos de compensações, num plano singular, raramente igualado por outro agricultor.

Esta escritura, forte em sua densidade lírica, captando às vezes o mundo em chave irônica ou praticando a ambivalência

enigmática, mescla a agudeza da paixão heróica com a retórica da resignação e nisto mostra a vida, que também é assim, com manhãs de D.Quixote e tardes beneditinas.

Artur é o Príncipe da poesia cearense. Mas um príncipe contemporâneo que fugiu do emaranhado parnasiano e dos jargões mediáticos para caminhar sobre as águas novas da poesia do pós-guerra, aberta para as razões do homem, suas vitórias e seus medos, suas esperanças e perplexidades.

Como um oleiro, o poeta trabalha o verso puro com a argila básica de seu tempo, produzindo um artefato que, se por um lado é a necessidade urgente de sua emoção, é, por outro, também de premente utilidade para quem o escuta:

*“Escrever é como não morrer.  
É legar-se ou doar-se  
àqueles que um dia acordarão  
à sombra dos ressonos da canção.”*

E somos muitos a escutar as canções do cavaleiro Artur que há 50 anos transformou esta terra no reino de Camelot, onde instalou a Távola Redonda e se pôs a administrar um principado lírico, povoado de Lancelotes e Parcifais, Tristões e Isoldas, Roldão e o Mago Merlin, vivendo nos remansos sonoros dos versos instigantes paixões e frementes aventuras.

Artur Eduardo Benevides é a palavra poética do Ceará e está entre os mais importantes e premiados escritores brasileiros.

Poderia ter chegado a outras escalas na Literatura Nacional se tivesse deixado a província. Preferiu ficar aqui no aconchego do colo de Iracema, cantando como um aedo grego a beleza bucólica da terra do sol e a saga de seu povo.

Figura indissociável da sensibilidade da alma cearense, diverso em seus motivos de criação, mas conexo na natureza de sua poesia, é um emblema que nos representa e nos traduz.

De aparência serena e paternal, Presidente da Academia Cearense de Letras, Diretor de unidades universitárias e catedrático, referência de dignidade ética e social, Artur é, antes de tudo, um poeta, e, como tal, é ainda capaz das maiores afoitezas, empunhando alaúdes e compondo canções seresteiras.

O homem público, vestido de comedimentos, e o arrebatado trovador realizam na literatura a esplêndida divisão existencial, valorizando essa duplicidade na produção de alguns momentos da melhor criação poética contemporânea.

ESCADARIAS NA AURORA é também uma grande homenagem de Artur Eduardo Benevides aos seus amigos. Entre mortos e vivos ele se entrega ao abraço gentil das cantigas de amigo e de bendizer com essa generosidade que só os grandes espíritos conseguem alcançar.

Conta a lenda que o rei Artur, ferido na batalha de Camlann, foi posto num barco mágico pelas ninfas e levado para a ilha encantada de Avalon, onde a fada Morgana passou a cuidar dele com desvelo e carinho.

Eu não saberia localizar exatamente no Ceará a ilha de Avalon, mas sei que sua fada Morgana agora se chama Constanca e tem sido, pelos caminhos da ternura e da dedicação a grande inspiradora do poeta Artur.

Vive assim o príncipe Artur a fluidez da paixão, na plena experiência dos 70 anos. Um destemido cavaleiro, rico pelas labutas da estrada e a olhar para a frente na expectativa dos mistérios que são sempre possíveis em cada curva do itinerário humano. É um sábio.

Para nós, seus discípulos, fica a advertência de Euclides quando foi solicitado pelo rei Ptolomeu a encontrar, como matemático, um caminho mais curto para a sabedoria: "Meu rei, não vos posso atender, porque não existe um caminho curto para a sabedoria".